

VIEIRA, Alba Pedreira. Analisando imagens dançantes do “Lago dos Cisnes”, de Matthew Bourne. Viçosa: Curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa; Professora Adjunta; CAPES; Bolsista PIBID. Diretora Artística.

RESUMO

Neste artigo, discute-se, por meio das lentes da cultura visual e da semiótica, o Lago dos Cisnes, de Matthew Bourne. Examinam-se significados das imagens e signos de movimentos corporais dos bailarinos, gestos, olhares e explorações territoriais no segundo ato, Um parque em St. Jame’s. Ao contrastar temas em balés clássicos que são convencionais em vez de desafiadores, esta produção é um exemplo contemporâneo de trabalhos de vanguarda. Uma obra de vanguarda é frequentemente associada com o pós-modernismo e geralmente comparada com trabalhos de dança tradicionais ou dominantes, especialmente os de balé clássico. Assim, a composição está na dianteira da experimentação artística, porque afirma, implicitamente, que balés tradicionais podem ser reconstruídos através das lentes do debate contemporâneo sobre o que é natural e convencional em termos de estereótipos de gênero.

Palavras-chave: Dança. Imagens. Estereótipos de Gênero.

ABSTRACT

This paper discusses, through the lens of visual culture studies and semiotics, Matthew Bourne’s piece “Swan Lake”. It is examined meanings of images and signs that make up this piece. The investigation is delimited to the dancers’ bodily movements, gestures, gazes and territorial explorations in Act Two, A park in St. Jame’s. By contrasting themes in classical ballets that are conventional rather than challenging, this contemporary piece is an example of avant-garde works. Indeed, avant-garde is often associated with post-modernism and is frequently contrasted with mainstream or traditional dance works, especially classical ballet. Hence, the piece is at the forefront of artistic experimentation because it implicitly affirms that traditional ballets can be reconstructed through the lens of contemporary discussions about what is natural and conventional in gender stereotypes.

Keywords: Dance. Images. Gender Stereotypes.

Introdução – Um olhar sobre o *Lago dos Cisnes*, de Matthew Bourne

Esta composição artística é uma versão contemporânea do *Lago dos Cisnes*, de Petipa e Ivanov, um balé clássico francês que tem sido um enorme sucesso desde que foi apresentado pela primeira vez em 1895. O *Lago dos Cisnes* clássico e a versão de Bourne têm símbolos comuns, mas utilizados de diferentes maneiras. Por exemplo, a interpretação contemporânea de Bourne mantém o título do balé de repertório, a íntegra da composição musical de Tchaikovsky, e os elementos essenciais da trama clássica. O novo enredo, embora recriado, ainda levanta questões relacionadas com as do original,

possibilidades e impossibilidades do amor, traição, esperança, felicidade e tragédia.

O cenário, figurinos, iluminação, enredo, sons e músicas, expressões faciais, maquiagem, movimentos, sequências e gestos foram especialmente criados para entrelaçar a obra de Bourne com outros elementos para constituir o seu texto, o sistema de signos a que o coreógrafo e sua companhia recorreram para “criar e enviar as mensagens” (DANESI, 1999, p. 5). A trama principal da peça contemporânea é sobre a história de um jovem nascido na realeza que se sente desesperado e solitário sem amor em sua vida. Sua mãe, a rainha, não expressa afeto pelo seu filho ainda que ostensivamente se apresente com seus amantes jovens na presença do príncipe.

O príncipe não tem outra escolha para viver a vida que ele preferiria, sonhando com o dia em que ele pudesse ser tão livre como um cisne. Esta oportunidade chega quando ele inicia um relacionamento com uma mulher jovem, e isto enfurece sua mãe, que coloca objeções ao ver seu filho envolvido com alguém que não tem o sangue real. Como o estilo de vida da realeza restringe sua interação com pessoas “normais”, o príncipe se envolve em um caso passionnal com um cisne. Esta relação surreal enfoca o papel do inconsciente e destrói a oposição entre o real e o imaginário, isto é, o príncipe sonha em ter o amor, força, liberdade e sensualidade do cisne.

O segundo ato, *Um parque em St. Jame's*, é crucial no desenrolar do enredo. O príncipe, depois de ter vagado pelas ruas da cidade, acaba em um parque, bêbado e sozinho. Ele vê alguns cisnes nadando pelo lago e sonha escapar de sua vida infeliz.

A estética tradicional do *Lago dos Cisnes* clássico é quebrada por duetos poderosos entre dois bailarinos, o príncipe e o cisne, assim como as danças de interlúdio realizadas pelos cisnes do sexo masculino. Acredito que essas danças são essenciais nesta peça devido ao seu foco em contradizer e subverter o mito associado ao principal símbolo da dança, o corpo. No balé clássico, este mito foi construído de acordo com os estereótipos de gênero de bailarinos do sexo masculino e feminino e o que eles estão autorizados a realizar, transformando os significados conotativos dos seus movimentos, gestos, olhares e exploração territorial de tal forma que pareçam denotativos, daí naturais¹. Por exemplo, os membros das audiências de balés de repertório se acostumaram a ver mulheres representando os cisnes. Esta estratégia, intencional, induz os espectadores a relacionarem qualidades culturalmente atribuídas às mulheres (tais como passividade, conformismo, tranquilidade e fragilidade) para os cisnes. Ela também reforça as expectativas dos espectadores acerca das características “naturais” das bailarinas bem como dos cisnes.

¹ A discussão sobre a relação entre mito e imagens é apresentada por Sturken e Cartwright, *Practices of Looking*, 360.

Tendo visto muitas remontagens tradicionais do *Lago dos Cisnes*, esperava ver nesta sessão da versão de Bourne o príncipe Siegfried se apaixonar por Odette, a princesa transformada em rainha de cisnes fêmeas pela malvada Rothbart. Previa que bailarinas etéreas com tutus e sapatilhas de ponta iriam desempenhar o papel de cisnes e movimentar seus braços com um fluxo suave, elegante e gracioso de “asas”.

Na obra de Bourne não há uma princesa magra, mas um bailarino robusto, o cisne, no papel de Odette. Ele executa, no geral, movimentações fortes e enérgicas em vez de movimentos cujas qualidades poderiam levar o espectador a se recordar daqueles que são tradicionalmente realizados por bailarinas no papel da princesa. Por exemplo, o tronco de Odette cede e flexiona à frente enquanto o do cisne está sempre na vertical. No balé clássico, a postura do tronco de Odette sugere submissão e resignação diante da força do outro — o feitiço de Rothbart —, enquanto a postura do cisne indica insubordinação e resistência. Outro sinal da tendência de Odette em se sujeitar ao outro é seu olhar cabisbaixo, que é substituído pelo olhar direto e assertivo do cisne que fita o espaço em nível horizontal ou encara o príncipe. As diferenças destes símbolos, a posição do tronco e o olhar, indicam um cisne autoconfiante, em vez de um inseguro.

Odette mostra sinais de um corpo dócil, enquanto o cisne revela características de um corpo resistente. De acordo com Michael Foucault, corpos dóceis referem-se à submissão corporal dos sujeitos diante do poder dominante², uma ilusão criada pelas formas em que, geralmente, as imagens corporais dançantes de Odette são apresentadas. Barbara Browning (2004) afirma que o corpo dançante resistente executa movimentos e gestos que contradizem e questionam as práticas institucionais, normas, regras e estereótipos. O corpo do cisne é um bom exemplo de um corpo resistente em dança, pois ela se recusa a se encaixar no que é esperado do caráter de Odette.

Atuando como os cisnes, os bailarinos do sexo masculino expressam emoções profundas por meio de movimentos vigorosos e fortes em vez dos delicados e suaves, executados por bailarinas. Esta mudança no sexo e na qualidade do movimento permite que o telespectador construa novas imagens e possibilidades para os corpos dançantes ao assistirem o *Lago dos Cisnes*. Além disso, esta é outra estratégia que permite ao espectador questionar e refletir sobre a constante interação que existe entre o natural e o convencional em dança. Por que os cisnes devem ser sempre representados por bailarinas do sexo feminino? Por que os movimentos dos cisnes devem estar, necessariamente, relacionados a certas qualidades de movimento? Bourne brinca com estes aspectos relacionados aos papéis masculinos e femininos e com movimentos que são, culturalmente, construídos no palco teatral e também no palco da vida cotidiana. Seus bailarinos criam uma tensão entre o que é natural e convencional em dança pela realização de movimentos

² As ideias de Foucault são discutidas por Marita Sturken e Cartwright Lisa, *Practices of Looking*.

sugestivos de masculinidade enquanto agem como os cisnes, criaturas tradicionalmente representadas por bailarinas.

No segundo ato, no entanto, Bourne coreografou um acervo de movimentos para bailarinos que criaram diversos tipos de qualidades dinâmicas e expansivas. Em duetos e coreografias desta parte da obra, além da predominância de movimentos intensos, bruscos e enérgicos, também há aqueles que são leves, sustentados e lentos, qualidades de movimento que são normalmente realizadas por bailarinas. Será que um espectador relacionaria as últimas qualidades de movimento com feminilidade? Usando sinais de dança que podem ser associados com a bravura das formas masculinas dançantes, Bourne parece querer desestabilizar os significados que as qualidades de tais movimentos geralmente significam.

A mistura de códigos físicos de feminilidade e masculinidade é uma prática de fusão de gêneros, porque questiona as categorias tradicionais de masculinidade e feminilidade bem como as normas e comportamentos sexuais que lhes estão associados. Ao observar a articulação de sinais associados com os estereótipos de gênero masculino e feminino, o espectador pode pôr em causa os códigos de gênero que não são apenas dominantes na nossa América Latina, mas na maioria das sociedades ocidentais. À semelhança do coreógrafo e bailarino David Gere, alguém poderia perguntar: “O que exatamente então, são os códigos físicos que significam efeminação?”. A obra de Bourne desafia tal questão, criando imagens que se recusam a obedecer às expectativas tradicionais e noções conservadoras do que é considerado o “comportamento natural” em balés clássicos.

A estética do *Lago dos Cisnes* original também é quebrada no segundo ato da versão contemporânea, quando duetos que são tradicionalmente realizados por um bailarino e uma bailarina acontecem com dois bailarinos do sexo masculino. Eles abraçam, acariciam e tocam o corpo um do outro de uma forma muito pouco convencional para bailarinos de balé clássico do sexo masculino. Por que duetos deveriam ser sempre compostos por um homem e uma mulher? A resposta está oculta em histórias de sexismo, que nutrem o campo da dança e são alimentadas não só por aspectos biológicos, mas também culturais. Está além do escopo deste artigo discutir questões econômicas, políticas, sociais e históricas que criam as condições que distinguem os comportamentos específicos que são atribuídos e aceitos para cada sexo. Importante para esta discussão é a gama de possibilidades de interações corporais e explorações territoriais entre homens que são exibidas em várias imagens no trabalho de Bourne, o que pode provocar em membros da plateia o desejo de reavaliar os símbolos dominantes acerca do que bailarinos devem ou não fazer em um palco.

O ápice do segundo ato é a imagem do cisne levantando o príncipe e envolvendo-o em seus braços; o abraço é plenamente correspondido. Esta proximidade é uma exploração territorial não convencional para bailarinos do sexo masculino, particularmente em balé clássico, porque não se espera que

eles sejam carregados, principalmente por outro homem, mas que carreguem e apoiem as bailarinas.

Considerações finais

De maneira geral, a obra artística de Bourne se desenvolve numa constante tensão entre o que é considerado “natural” e “convencional” (DANESI, 1999) para o corpo do bailarino. O *Lago dos Cisnes* contemporâneo constrói e desconstrói o estereótipo do bailarino que tem sido produzido no balé clássico por séculos: aquele que constantemente representa um corpo forte e viril, que está sempre pronto para carregar, apoiar e fitar o corpo da bailarina. A versão de Bourne, especialmente no segundo ato, reproduz o corpo do bailarino ao mostrar sua força e concomitante necessidade de ser cuidado.

Ao contrastar temas em balés clássicos que são convencionais em vez de desafiadores, esta produção é um exemplo contemporâneo de trabalhos de vanguarda. Uma obra de vanguarda é frequentemente associada com o pós-modernismo e geralmente comparada com trabalhos de dança tradicionais ou dominantes, especialmente os de balé clássico. Assim, a composição está na dianteira da experimentação artística, porque afirma, implicitamente, que balés tradicionais podem ser reconstruídos através das lentes do debate contemporâneo sobre o que é natural e convencional em termos de estereótipos de gênero.

Porque no *Lago dos Cisnes* clássico só há bailarinas interpretando os cisnes, esta obra desconsidera os espectadores que apreciam ver tais movimentações acontecendo em corpos masculinos. No segundo ato da obra de Bourne há apenas imagens de corpos do sexo masculino no palco. De fato, todos os cisnes, habitualmente representados por bailarinas, são dançados por bailarinos de troncos nus e descalços que se vestem com calças cobertas por penas. Com esta estratégia, Bourne inova e renova o olhar para o corpo do bailarino (STURKEN, CARTWRIGHT, 2003) que pode ser apreciado por outros bailarinos no palco bem como por membros da plateia de ambos os sexos. Assim, esta estratégia incita a pensar como produções de dança contemporânea, como o *Lago dos Cisnes* “todo masculino”, como é conhecido, respeitam e contemplam a diversidade do público. Incluindo a de gênero.

Este *Lago dos Cisnes* contemporâneo levanta questões de estética ou o que é válido e valorizado nas artes. Por exemplo, pode-se indagar: É válido reconstruir um balé romântico de repertório de maneira que se mantenha a sua mensagem essencial, o amor entre duas pessoas, ao mesmo tempo em que também se altera e desafia um código de relacionamento tradicional no Ocidente, cujo principal signo é a heterossexualidade? Minha resposta é sim, porque esta reinterpretação do *Lago dos Cisnes* mostra como a arte contemporânea é um meio que não apenas representa, mas também desafia os códigos sociais tradicionais. A meu ver, códigos convencionais tornam-se evidentes quando eles são quebrados. A obra de Bourne, ao apresentar imagens que fogem ao considerado usual, faz parte de um movimento amplo

na dança contemporânea³ que está, lentamente, movimentando fronteiras entre os símbolos “naturais” e “convencionais”. Para isto, as imagens comunicam a inclusão na obra de forças contra-hegemônicas, tais como alterações no sexo dos bailarinos que tradicionalmente desempenham determinados papéis, movimentos, gestos, exploração territorial e foco que desafiam significados dominantes e as ordens sociais que os sustentam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANES, Sally. **Dancing Women: Female bodies on the stage.** New York: Routledge, 1998
- BROWNING, Barbara. **Breast Milk is Sweet and Salty: A choreography of healing.** In: *Of the Presence of the Body* editado por André Lepecki. Connecticut: Wesleyan Un. Press, 97-109. 2004.
- BURT, Ramsay. **Genealogy and Dance History: Foucault, Rainer, Bausch, and Keesmaeker.** In: *Of the Presence of the Body* editado por André Lepecki. Connecticut: Wesleyan Un. Press, 29-44, 2004.
- _____. **The Male Dancer: Bodies, Spectacle and Sexualities.** New York: Routledge, 1995.
- DANESI, Marcel. **Of Cigarettes, High Heels, and Other Interesting Things.** New York: St. Martin's Press, 1999.
- DESMOND, Jane C. **Choreographing sexualities on and off the stage.** Madison: University of Wisconsin Press, 2001.
- GERE, David. **29 Effeminate Gestures: Choreographer Joe Goode and the Heroism of Effeminacy.** In: *Dancing Desires: Choreographing sexualities on and off the stage* editado por Jane C. Desmond. Madison: University of Wisconsin Press, 2001.
- STURKEN, Marita; CARTWRIGHT, Lisa. **Practices of Looking: An introduction to visual culture.** New York: Oxford University Press, 2003.

³ Outros artistas contemporâneos que subvertem estereótipos dos bailarinos podem ser encontrados no livro *Dancing Desires*, de Desmond.